

# A BATALHA



Suplemento semanal — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA —

Editor: Alberto Dias

Administrador: Domingos Afonso Ribeiro

Propriedade da COMISSÃO INTER-FEDERAL

Sede provisória:

Calçada Castelo Branco Saraiva, 42

Officinas: Rua da Atalaia, 114

Toda a correspondência para o APARTADO

N.º 329 — Lisboa

Número avulso \$30

(AVENÇA)

## A situação económica dos trabalhadores mineiros

### Algumas das suas reclamações

Os mineiros de S. Domingos conjuntamente com os seus camaradas de Aljustrel, em face da dura realidade que ora se lhes apresenta, com os despedimentos em massa a que, duma maneira desumana, está procedendo a Empresa de Aljustrel; e, ainda, em face das duras condições de trabalho a que são sujeitos quando estão trabalhando — estudaram um plano de reclamações a apresentar a quem de direito, que se substancia no seguinte:

«Que os engenheiros do governo que visitam as minas se façam acompanhar de mineiros, indicados pela Associação de Classe; Redução do horário de trabalho no sub-solo, para 6 horas (atendendo a que se trata de uma indústria insalubre e às ameaças de crise); Abolição dos trabalhos por tarefas, uma das causas dos desastres que frequentemente se observam; Abolição das horas extraordinárias nesta indústria, por constituir uma das causas das crises, (salvaguardando-se casos excepcionais, como trabalhos de segurança dos poços e outros); Regulamentação dos trabalhos de estiva em Pomarão; Readmissão, em primeiro lugar, dos despedidos e que não sejam expulsos das suas habitações os despedidos, por motivo da crise; Readmissão (em Aljustrel) dos mais antigos e mutilados da mina; Que se constitua uma comissão para intervir em questões de trabalho, castigos, etc., etc. Que seja concedida uma licença aos operários quando justifiquem a necessidade, sem perda dos seus lugares; Iluminação do Pôrto de Pomarão e actualização da lei dos desastres no trabalho».

Estas bases, às quais se juntarão ainda outras dos mineiros de Aljustrel, dizendo respeito à respectiva mina, foram entregues ao governo.

### NO OUTONO



Sem casa

## PARADOXOS O ANALFABETISMO E OS INTELECTUAIS

Falar do analfabetismo em Portugal é agitar um lugar-comum. Com efeito, não é a falta de tratar o problema que devemos imputar a causa desses prosaicos 70 ou 75 % de analfabetos persistirem. Talvez até, pelo contrário, esteja nisso um dos motivos da estagnação. É que há entre nós uma quasi inacreditável facilidade de andar ao redor de um assunto, por mais grave que seja ou instantânea resolução que requeira, gastando milhões de palavras, dizendo as coisas mais banais e fazendo e dizendo os maiores disparates, sem tocar ao-de-leve, sequer, nesse mesmo assunto. É, certamente, isto um excesso de imaginação. De imaginação e de tolice. E a tolice não é uma mercadoria de importação, mas uma indústria nacional. É mesmo, talvez, a nossa maior indústria.

Isto que vimos dizendo surgiu á evidência com o problema do analfabetismo. Qualquer indivíduo, pela razão simples de ser mestre-escola em Alhos Vedros ou Alcábaldeche — sem desprimor — se julga no direito de vir bolsar laráchas sobre uma coisa de que ele tem uma ideia vaga — a Pedagogia. Uma revisão a tudo o que tem sido dito e escrito em Portugal sobre este assunto constituiria, por certo, uma das maiores e mais interessantes contribuições para a confecção dum tratado da mentalidade portuguesa e, sobretudo, da psicologia nacional.

E, no entanto, uma classe há, porém, que, sistematicamente e incompreensivelmente, se tem mantido arredada da lição. Queremos referir-nos aos intelectuais. Dizemos que, sistematicamente, se têm mantido aparte porque, por mais que esquadriremos, não vemos que nalgum lado tenham surgido caracterizando a ferida com a aplicação do seu verbo autorizado; e dizemos incompreensivelmente porque sendo os intelectuais os primeiros a lucrar com a debelação desta tragédia, não afinamos facilmente com a razão desse ajustamento sistémico. E é nisto que reside o paradoxo.

Uma das figuras mais representativas das letras portuguesas contemporâneas, que é, ao mesmo tempo, um dos dois ou três intelectuais que, em Portugal, vivem exclusivamente das letras, queixara-se-nos, há tempo, da misera tiragem e venda do livro entre nós. Claro que isto não se filia apenas no estado de afraço mental em que

A crise económica actual não é, como se sabe, um caso nacional. Tem características diferentes de país para país.

Nos Estados Unidos, principalmente, onde o poder de compra do operariado foi grande, há, de facto, como se tem afirmado, um excesso de produção, provocado pela chamada racionalização, que é, em termos compreensíveis para toda a gente, o *alastramento constante da maquinaria e o menor desperdício de movimentos do operário mecanizado*.

Na América, como em outras partes, só há provisoriamente, é claro — uma saída: — diminuição da jornada de trabalho. É a única solução de momento.

Entre nós, porém, as coisas passam-se de maneira diferente. Pode dizer-se, sem receio de errar, que o nosso caso, que a crise que nos afflige, não reside num excesso de produção.

O facto dos armazéns abarrotarem de produtos não quer dizer que se produz além do preciso. Não. O nosso mal, muito ao contrário, é filho dum  *muito escasso poder de compra do proletariado*.

Acaso o proletariado português consumiu, algum dia, conforme as suas necessidades o exigem?

Nunca! Nem quando havia mais ou menos trabalho. Os próprios que trabalham, limitam-se ao estritamente necessário para se irem aguentando de pé dado os salários irrisórios que auferem.

Que fazer em face disto? Como sair d'este bêco a que nos conduziu a economia burguesa?

Lá fora, já o deixamos dito, só com uma redução nas horas de trabalho, mantendo os salários à altura em que estiveram. Quanto a nós, parece-nos, que bastará, até vêr, o cumprimento rigoroso das 8 horas, e uma elevação de salários que nos permita comer, vestir, calçar e habitar um prédio, já não dizemos confortavelmente, mas ao menos de maneira a não prejudicarmos, como agora acontece, a saúde e a dignidade.

Mas, isso não é bastante. A situação está demasiado agravada e, amanhã, aplicações mecânicas mais aperfeiçoadas, uma metodização racionalizada do trabalho, far-nos-hão cair em situação idêntica à que, presentemente, atravessamos.

E, por isso, o operariado organizado precisa pensar na maneira de pôr em prática medidas que

irão atenuar a crise económica. Já se afirmou: a redução da jornada de trabalho, o aumento progressivo dos salários, controle da produção feita pelos trabalhadores, são medidas possíveis e, quando realidade, veremos a nossa situação económica melhorada.

Por isso as apontamos como as únicas capazes de enfrentar a actual situação económica e atenuar-lhe os seus nocivos efeitos sobre o operariado.

Outras medidas para aí se apresentam como infalíveis e, imediatamente, possíveis. Não temos a mesma opinião. A prática delas, levada a efeito em alguns países, demonstram a sua insuficiência, quando não a sua inconveniência.

Ainda recentemente — isto quanto ao subsídio aos desempregados — um telegrama informava. «O governo da U. R. S. S. resolveu suprimir o subsídio que recebem os operários sem trabalho. Estes deverão empregar-se noutros trabalhos ou apresentar um documento que prove a sua impossibilidade física».

Parece que o governo russo quer, d'este modo, obrigar a trabalhar os operários em trabalhos penosos, para os quais não há os operários necessários.

Seja ou não verdadeira a razão alegada, a verdade é que a supressão do subsídio na U. R. S. S., indica que ele não dava resultados.

Portanto, postas de parte, por insuficientes e inconvenientes até, certas medidas, resta ao operariado organizado iniciar, sem demora, um movimento de elucidação, mostrando as vantagens das medidas que apontamos, procurando, em seguida, torná-las realidade.

Tornará, assim, a sua situação económica mais desafogada e terá tempo e disposição para se preparar intelectualmente, factor necessário quando procure emancipar-se.

### NA FRANÇA

#### A luta dos mineiros por melhorias

Conforme resolução tomada pelo Conselho Nacional da Federação dos Trabalhadores do Sub-solo, os mineiros de todas as bacias, na sua quasi totalidade, abandonaram o trabalho no dia 6 de Outubro.

Este movimento é o primeiro aviso dirigido às companhias mineiras que até agora não têm ligado importância às seguintes reclamações dos operários: oito dias por ano de férias pagas; elevação de pensão de 5.000 para 6.000 francos, após 30 anos de serviço e 55 anos de idade e o abaixamento progressivo da idade de reforma de 55 para 50 anos.



## UM PROBLEMA INTERESSANTE

## A ideia da Universidade Operária

Não posso protelar mais tempo, o meu apoio, caso valha, à obra de esclarecimento cultural que, pelo camarada M. O., vem sendo realizada nas colunas de A Batalha.

O seu último artigo, alvitrando a realização da Universidade Operária, decide-me a escrever também, para que tão belo alvitre se não perca no esquecimento como a outros tem sucedido.

Atrevo-me a afirmar que de todos os alvires, sugestões, propostas, que sob instrução se têm apresentado, desde sempre, este é o primeiro que consegue tocar directamente, sem tactear através de teorias, superficialmente, a importante questão de cultura do operariado. Para justificar e basear este meu apoio ao alvitre de M. O. transcrevo o seguinte, dum artigo que, sob o pseudónimo de Meridional, publiquei em 20 de Novembro de 1929, no n.º 3 do quinzenário Germinal:

A par da acção propagandista e revolucionária a organização operária deverá criar uma organização escolar sua, e estas duas organizações devem interpenetrar-se intimamente, de modo que realizem obra combinada. Até hoje os sindicatos têm fundado escolas, umas melhores, outras piores, quanto a instalação e quase todas de acção mediocre. Ora, não é preciso que os sindicatos venham ajudar o Estado a abrir cubículos escolares (os que existem, nas actuais condições, são até demais) mas que façam uma obra escolar intensiva no operário adulto, extensiva a toda a organização do modo que o lema da Confederação, possa amanhã ser: — Nem um trabalhador analfabeto, nem uma associação sem escola, etc.

O objectivo da Universidade Operária consistiria, segundo depreendo do artigo de M. O., na fundação dum instituto superior onde o operariado colheita a cultura geral metódica e elevada que falta nas elites dos seus quadros.

Mas, como é sabido, a grande, esmagadora maioria do nosso proletariado não sabe ler, ou, o que às vezes é pior, lê mal. O meu principal objectivo, por isso através a transcrição que aqui faço, seria debelar, o mais rapidamente possível este geral analfabetismo, combatendo-o com as nossas exclusivas forças e chamando em auxílio dele, não só a indispensável classe do professorado, independentemente do seu carácter oficial, como todos os apóstolos da instrução com competência para ensinar, com tacto pedagógico, tivessem ou não diploma. Em resumo, e porque não interessa agora expor, pode afirmar-se: — que o ensino oficial, por qualquer lado por onde se encare, abre fadência; que os filhos dos operários, e estes nos poucos cursos nocturnos existentes, não podem receber a instrução adequada às suas necessidades actuais que, como classe, histórica, moral e mentalmente, divergem,

estamos, senão também na situação económica de cada um de nós. Mas o que não resta dúvida é que estas duas coisas, embora distintas entre si, têm um fundo correlativo. O caso económico tem, contemporaneamente, metade do seu raio de acção no campo cultural, tal como este emerge absolutamente naquele. Melhorando as condições de vida do operário ele iria criando uma individualidade que breve o elevaria a um estado de ciência e consciência moral, a uma maior compreensão de seus direitos e deveres, paredes meas com a apreensão do seu valor como força económica e corrente espiritual, senhores de um porvir que se adivinha próximo.

Nada disto, porém, ainda foi tentado, e deste facto, gravíssimas responsabilidades cabem aos intelectuais. Perscrutando no alheamento em que têm vivido, teimando em só olhar a massa do alto da sua torre ebrnea, só descendo dela até ao povo para dele tirar mais um motivo literário, que strva a sua vaidade abrindo-lhe as portas da Academia, fazem, quanto a nós, muito mal.

Porque não tomam os intelectuais a iniciativa de um grande movimento contra o analfabetismo, que seria ao mesmo tempo um movimento pró-cultura, de renovação artística, moral e espiritual — se só nisso teriam interesse? Porque persistem afastados da massa numa época de colaboração e cooperação — se só com isso perdem? Aca-so o velho conceito que estabelece que o homem de letras não o o homem de acção, será verdadeiro?

João Bravo

em sentido moderno e superior, das restantes, para as quais exclusivamente foram elaborados os programas nacionalistas; que a quase totalidade dos compêndios escolares é orientada por uma concepção que não interessa o operariado e seus filhos; que um grande número de professores, de pedagogos, ao enfrentar o problema do analfabetismo, mostra manifesta incapacidade para colocar a questão num fundo moderno livre, não saindo da velha órbita oficial. Independentemente, pois, das lamúrias estereis e estilísticas com que se pretende amalgamar a instrução de classes heterogeneas, creio que chegou a hora da organização operária, pôr em prática a ideia da Universidade Operária, quebrando orgulhosamente por seu próprio esforço a cadeia da ignorância numa nobilitante e verdadeira acção directa, enfrentando o magno problema do analfabetismo do operariado e da sua geral incultura.

A classe burguesa emancipou-se em 1789, mais por efeito da sua cultura superior e diferente da da nobreza, que pela acção das armas. Quando estes iniciaram a luta, a revolução estava já feita nos espíritos, realzada pela superioridade intelectual e mental da burguesia. Da mesma forma o operariado não pôde obter integral emancipação se não procurar atingir um nível superior, obtido pelo seu próprio esforço, nível superior que nenhuma outra classe, e muito menos a imperante, lhe poderá dar.

Sem querer deformar a ideia inicial, parece-me que a Universidade Operária deve ser desde já estudada, esquematizada, chamando-se para esse estudo a atenção de todos os militantes e organismos operários.

A Universidade Operária deve abranger a cultura geral e especial, desde o simples ler e escrever até à instrução superior.

Não deve concentrar-se numa capital, num edifício, numa comissão. Deve ter um carácter federalista, seccionada, formando uma rede de escolas modernas, em cada sindicato, obedecendo a um programa geral especialmente elaborado. A esta grande obra a realizar pelo operariado e pelos professores que bem compreendam a sua verdadeira missão todo o concurso é pouco.

Os primeiros trabalhos de desbravamento deste terreno ainda não pisado, consistem na exposição completa, minuciosa e concreta do que deverá ser a Universidade Operária e como deve esta ser organizada; exposição que compete ao camarada M. O. A seguir necessário é, reunir em volta da obra além da organização operária, todos os organismos educativos, de carácter operário ou popular entre os quais como exemplo se pode citar: A Escola da Foz do Douro, a Escola das Eirinhas, da Giestá, alguns ateneus isolados, escolas sindicais sem orientação alguma, etc.

F. G.

## DE CASTANEIRA DE PÉRA

## Mais uma arremetida dos industriais

O que se tem passado nesta localidade com os srs. Industriais, é simplesmente revoltante, pois que mostra os baixos desígnios de que aqueles senhores se servem para aniquilar um organismo que vive dentro da lei, e pelo qual tem direito de existência.

Vendo estes senhores que com as baixas intrigas que têm lançado mão, não conseguem o aniquilamento do nosso balaarte, usaram outros processos que se lhes afiguram mais prático, comoseja, a andar a angariar entre os nossos camaradas, assinaturas para a constituição duma caixa de Socorros Mútuos, ao mesmo tempo que vão dizendo, que não querem nas suas fábricas indivíduos que façam parte da Associação.

Se é certo que esta habilidade não tem dado os desejos que os industriais pretendem. Nós classificamos este acto duma baixa desigualdade, porquanto a nossa associação é um aglomerado de criaturas conscientes que apenas do seu trabalho vivem, e desejam que a lei 5.516 e decreto 10.782 de 20 de Maio de 1925 seja sem sofismas cumprido para assim todos termos onde ganhar o pão de cada dia, e nunca uns a trabalharem 10 e mais horas, e outros, por este motivo, não terem onde auferir o sustento dos seus.

E' tão justa as reclamações que formulamos, que estamos convictos, que as autoridades farão com que a lei se cumpra havendo assim trabalho para todos os desempregados.

## UM APÊLO

## O que é o Museu Krapotkine de Moscovo

A criação do Museu Krapotkine de Moscovo obedece ao desejo de reunir tudo o que se relaciona com a vida e obras de Pedro Krapotkine, manuscritos, livros, periódicos, retratos, objectos, etc., e tê-los à disposição livre dos estudiosos.

Com esse propósito se criou um «comité» composto por universitários e homens de ciência, sob a presidência de Sofia Krapotkine, o qual conseguiu que lhe fosse cedida, pela Municipalidade de Moscovo, a casa em que nascera Krapotkine, e em 9 de Dezembro de 1923 effectuou-se a abertura do Museu.

Nê se instalou a riquíssima biblioteca de Krapotkine, que para avaliar da sua importância, basta o facto de que um envio de livros effectuado de Londres, onde se achava parte dela, constava de 74 grandes caixotes. Constituiu-se assim uma sala de leitura, aberta gratuitamente ao público, que enriquece com constantes doações e heranças de livros.

Segundo um plano tendente a mostrar os diversos aspectos da vida e actividades de Pedro Krapotkine, destinou-se a sala em que nasceu às recordações da infância, a sua vida no corpo imperial de págens, a sua carreira de oficial na Sibéria e os descobrimentos geográficos. Nas outras salas figuram as suas investigações científicas, as suas viagens ao estrangeiro, a sua adesão à Internacional, a sua prisão e os detalhes da fuga. Enfim, A Revolta, e os seus trabalhos desse período recordam-se também numa sala especial.

Conta ainda o Museu com um pequeno salão de actos com a capacidade para duzentas pessoas, no qual se realizavam pelo menos enquanto houve companheiros nossos em liberdade.

Fôra tão profícua a vida de Krapotkine, tratou tanta diversidade de questões desde a conquista do pão até às conferências sobre literatura russa, que conquistuem o livro, Os ideais e a literatura russa, que as pessoas vinculadas ao Museu, os seus amigos e admiradores acham em sua vida e nos assuntos por ele abordados, temas para pequenas reuniões dominicais de discussão e estudo, que se verificam no mesmo Museu.

O Museu Krapotkine de Moscovo é, pois, uma pequena universidade livre, e o único refúgio das nossas ideias proscritas de todo o território da imensa Rússia. Evitemos que lhe encerrem as portas, impedamos que, por dessidia nossa caia nas mãos dos verdugos da Revolução.

Quaisquer importâncias devem ser endereçadas ao administrador de La Protesta, José Seonae. — A correspondência ao Secretariado, Peru 1537.

Secretariado de Ajuda ao Museu Krapotkine de Moscovo.

Todo o trabalhador deve ler e propagar «A Batalha».

## Informações pedagógicas

## Como o pronunciar o r brando

— Tenho uma filha de 7 anos de idade que não pronuncia o r brando. Pode indicar-me maneira de a curar desse defeito?

— Trata-se duma dislalia muito vulgar na primeira infância que se corrige, facilmente, com um pouco de jeito e de paciência.

Se a criança não pode, pelos meios expontâneos e naturais, na ocasião própria, iniciar a articulação, que dá o r brando, tratou, também, muito naturalmente, de se aliviar da dificuldade, suprimindo o som difícil e dispondo os órgãos, no momento da emissão, em condições adaptáveis, adquirindo um hábito, que se transformou numa imposição ou numa necessidade.

O sr. Sousa de Carvalho, distinto ortofonista, descreve-nos, no seu excelente livro «Lições de Ortofonía», essa e outras dislalias, indicando-nos a forma de as corrigir.

Como já notei, não é difícil corrigir a dislalia do r brando. O assunto consiste em criar um novo hábito, fazendo esquecer o primeiro adquirido pela criança. Tem de se falar à inteligência desta, ao mesmo tempo, que se fazem experiências demoradas e frequentes diante de um espelho.

Explica-se à criança que para a emissão do r forte «os bordos laterais da língua adaptam-se aos molares superiores, a sua ponta eleva-se para a abobada palatal e toca-a levemente», vibrando por impulso da forte corrente de ar que se expelle para o exterior. E que já não acontece precisamente assim com o r brando, em que a ponta da língua toca uma só vez a base dos incisivos superiores, vibrando ao impulso duma corrente de ar mais fraca.

Para a criança compreender melhor faz-se a experiência, de forma bem evidente, mostrando os órgãos bocais na ocasião de emitir o som e pronunciando palavras onde o r brando tenha maior relevo, como cara, arado, hera. Coloca-se a criança diante de um espelho e faz-se lhe notar as regularidades ou irregularidades que pratica ao tentar a emissão desejada.

Com o auxílio dum objecto, um lápis, o cabo duma pequena colher, o bico duma caneta, segura-se a ponta da língua junto à base dos incisivos superiores e faz-se pronunciar palavras em que entre o r brando. Repete-se a operação muitas vezes, até que se faça adquirir hábito na emissão desejada.

Deve a criança receber, pelo menos, uma lição destas por dia, com a duração de meia hora ou 45 minutos, conforme os casos de interesse ou de atenção. As lições não devem interromper-se nem moderar-se, enquanto a criança não manifestar sensível aproveitamento.

O processo é de êxito seguro, quando executado com um pouco de habilidade e paciência. Sobre tudo paciência.

## A organização operária tem na

## « Vanguarda Operária »

o seu porta-voz no Norte.

## SAUDAÇÃO

## Manipuladores de pão do Porto

Dentre muitas saudações que nos chegam, de toda a parte, por motivo do aparecimento de A Batalha, salientamos a que se segue: «O Grupo de Educação Social dos Operários Manipuladores de Pão do Porto, na última das suas reuniões periódicas, resolveu saudar o grupo que tomou sobre si o encargo de fazer aparecer A Batalha e contribuir com 50\$00 para a manutenção do glorioso paladino das reivindicações operárias.

Este Grupo aproveita o ensejo para manifestar o imenso regozijo que lhe causou tal acontecimento, pois vê, com êle, vencida mais uma etapa para o despertar da consciência operária do país, sempre inspirada pelos princípios libertários, únicos que, como no passado, podem trazer-nos dias de glória e, por fim, o triunfo definitivo das nossas aspirações de bem-estar, de justiça e de liberdade.

Aceitai, portanto, camaradas, os protestos da mais estreita solidariedade que, com as suas saudações, vos envia o

Gr. lgo de E. S. da O. M. P. P.



## NA ANTIGUIDADE

# O trabalho em várias épocas

## Uma lição de Sócrates

## A antiga Atenas

Reportemo-nos pelo pensamento a 404 anos antes de Cristo, isto é, há cerca de 2.300 anos. Nesse tempo, sempre na Grécia, tinham-se desenvolvido numerosos pequenos Estados, bem organizados e amiúde prósperos. Dois sobretudo eram célebres: Atenas e Esparta.

Atenas era edificada numa península rochosa e pouco fértil, chamada a Atica, ao pé dum grande rochedo insulado, onde se achava a cidade alta, a cidadela. Tendo-se ela assinalado, desde os seus inícios, pela sua actividade comercial, foram os atenienses que se viram nas primeiras fileiras dos defensores da Grécia, quando esta foi atacada pelos persas. Derrotaram os persas em combates heróicos, em Maratona e Salamina; e durante um século, em volta deles, como em torno de protectores e chefes, se tinham agrupado todas as potências marítimas. Atenas tornara-se então poderosamente rica: as suas oficinas eram numerosas; os seus habitantes, escravos ou homens livres, trabalhavam muito para vender aos negociantes das outras cidades, e eram inúmeros os navios no seu porto do Pireu. Um grande homem de Estado, Pericles, administrava maravilhosamente as finanças da cidade e mandara construir admiráveis monumentos, em particular o templo de Partenão, consagrado a Atena, deusa da cidade.

Tinham, porém, sobrevivendo maus tempos: travara-se entre Atenas e Esparta, a cidade rival, uma longa luta de perto de trinta anos, e naquele ano de 404, época desta narrativa, acabava Atenas de ser vencida, tendo de se sujeitar a um governo estabelecido por Esparta e composto de trinta cidadãos a esta dedicados—o governo dos «trinta tiranos». Os atenienses não podiam suportar esse governo aristocrático, que afinal veio a ser expulso por uma conjura dos que tinham sido banidos.

## A democracia ateniense

E' que Atenas vangloriava-se de ser uma democracia, pois havia mais de um século que o povo inteiro tomava parte no governo. Verdade seja que, quando se fala do povo da antiguidade, não se deve entender, como hoje, a massa dos habitantes, mas só os que tinham nascido no país, e de pais livres. O povo nunca abrangia os estrangeiros, nem os escravos, que eram muito numerosos.

Mas enquanto nas outras cidades só governavam os nobres ou os ricos, em Atenas todos os homens livres, ricos ou pobres, célebres ou desconhecidos, assistiam à assembleia do povo em que se discutiam os negócios da cidade; todos ali podiam falar, todos podiam vir a ser membros do governo, juizes, e, até, generais.

Por isso, na praça pública—ou, como lhe chamavam, na Agora,—em todas as pequenas lojas de barbeiro, de sapateiro ou de mercador ali instaladas, havia sempre muitos cidadãos que gostavam de conversar sobre as coisas públicas, os interesses dos diferentes partidos ou os méritos dos oradores. O ateniense, na verdade, passava, por ser um pouco tagarela; mas era um povo inteligente, e as suas tagarelices eram amiúde bem curiosas.

## O filósofo Sócrates

Ora, por essa época, no fim do quinto século antes de Cristo, ia muitas vezes a Agora um homem feiíssimo, de feições grossas, nariz achatado, fronte alta por cima de uns olhos vivos, que entretinha muito os outros com a sua conversação. Chamava-se Sócrates e era um filósofo que ficou para sempre famoso. Gostava de se sentar pelas lojas que cercavam a Agora; e ali, tomando a sua conta este ou aquele, punha-se a fazer-lhe perguntas com tal arte, tal subtilidade, tal engenho, que o seu interlocutor se via preso arrastado no seu raciocínio, incapaz de lhe opôr boas razões. Imagine-se como este jogo havia de divertir os que o escutavam!

Certa manhã foi um dos seus amigos, chamado Aristarco, que Sócrates tomou assim a sua conta.

—Andas macambúzio, Aristarco, disse-lhe ele logo que o viu. A tua cara é de quem traz alguma coisa a pesar-lhe no coração.

—Porque não confias aos amigos os teus pesares? Talvez te ajudassem a suportá-los.

—E' verdade, Sócrates, respondeu Aristarco; confesso que me vejo num grande embaraço. Desde que comecei as lutas violentas entre o partido dos Trinta e o dos proscritos, retirei-me para o Pireu muitos cidadãos, com receio de perder a vida; e agora estão a meu cargo minhas irmãs, minhas sobrinhas, e primas até: ao todo catorze pessoas de condição livre! Para cumulo, não tenho com que as sustentar. Das nossas terras no campo já nada tiramos; devastou-as o inimigo, quando das últimas guerras. Na cidade, não se alugam as nossas casas. Eu bem quizeria vender alguns dos nossos móveis, mas ninguém compra disso. Ninguém tampouco empresta dinheiro, que os tempos não correm bastante seguros para que o empréstado tenha a certeza de vir um dia a receber o que emprestou. Vemo-nos, pois, na penúria. Há-de reconhecer, Sócrates, que, se não pareço contente, alguma razão tenho.

## O trabalho útil

—Ah! decerto, Aristarco, redarguiu o filósofo. Mas diz-me cá — e sorriu maliciosamente — como diabo é que o teu visinho Céramo, que também tem muita gente a sustentar, não se vê em apuros, enriquecendo pelo contrário de dia para dia?

—Ora! Estás sempre a agradecer, Sócrates! Acho que não queres decerto que te responda que Céramo em casa só tem escravos, que ele comprou para os fazer trabalhar num officio, ao passo que as minhas parentes são mulheres de condição livre.

—Decerto! decerto! Mas quais te parecem superiores, mais inteligentes, mais capazes, melhores em suma; as tuas parentes ou os escravos de Céramo?

—Ora! As minhas parentes, caramba! — Mas então é uma vergonha que Céramo viva na abundância com homens que nada valem, e que tu morras de fome com mulheres muito superiores a elles?

—Muito, gostas tu, Sócrates, de enredar o teu interlocutor!... Só te posso repetir o que te disse, o que já sabes: Céramo sustenta artifices, e eu pessoas que receberam uma educação liberal.

—Vamos, vamos, não te tanges, retorquiu o subtil filósofo. Ora toma bem sentido: não se chamam artifices os que aprenderam a fazer alguma coisa útil, quer sejam escravos ou livres, tenham ou não recebido uma educação liberal?

—Com certeza.

—Não é coisa útil a farinha?

—Isso é, das mais úteis.

—E o pão?

—Da mesma forma.

—E a roupa para homem ou para mulher? as tunicas? as blusas?

—São coisas utilíssimas igualmente.

—E as pessoas que estão em tua casa não sabem fazer nenhuma dessas coisas?

—Pois decerto que sabem; sabem até fazê-las todas.

—Ora então, porque não fazes como todos os que vos cercam? Não mói Nausídes farinha em grande quantidade, a fim de criar porcos para vender? Não enriqueceu Círeno fazendo pão? Não vivem os nossos visinhos de Mégara, na sua maioria, da venda das roupas por eles feitas? Porque nós já não estamos no tempo de Ulisses, quando cada família fabricava o seu pão e o seu vestuário, só para si; agora, vendemos, trocamos, e quem for um pouco habilidoso, destro de mãos, pode ganhar dinheiro e viver. Porque não fazes tu como os outros?

—Já te disse, Sócrates, e tornei a repetir: todos esses que tu dizes compraram escravos, que eles obrigam a trabalhar a seu talante e que pelo menos os ajudam. Mas eu é com pessoas livres que tenho de me avir, e não hei-de agora forçá-las ao trabalho como se fossem escravos!

Alberto Thomas

«Enquanto existir o dinheiro não espereis que seja possível a união livre, franca e dura.»

René Chaughl

## DA ARTE

# A influência do teatro na educação popular

Tendo nós setenta por cento de analfabetos, parece à primeira impressão, que sem que primeiro construamos com cuidado esse alicerce indispensável — o conhecimento da Cartilha Maternal — falar em assuntos de arte constitui uma tremendíssima heresia.

Parece-o, é certo, às primeiras vistas, mas às segundas já assim não sucede.

Se freqüentando os espectáculos que já citei — toiradas, fados e futebol — esse número tão elevado não sente o menor desejo de se reduzir, já o mesmo se não dará freqüentando elle os espectáculos verdadeiramente artísticos. Ainda que seja uma arte puramente subjectiva, onde se lhe não possa dar directamente como que um conselho a que se eduque, a criação, por parte dessa arte, de uma sensibilidade mais apurada no espectador, equivale ao abrir do cabouco para cimentar então o alicerce. E não se diga que ao ignorante de nada lhe serve a arte, porque isso está provado ser uma enorme tolice. Em todos nós, desde o mais sábio ao mais ignorante, é nativo o sentimento do belo. Diante de uma mulher bela, o mais rústico e boçal dos serranos, jesses que desconhecem em absoluto que há uma coisa a que chamamos alfabeto e outra que se chama arte, não terá dúvidas em afirmar que essa mulher é bonita.

Ora de todas as artes a que maior influencia pode exercer na educação do povo — e digo povo tomando a palavra como significado de todos quantos trabalham útilmente em prol da colectividade — é, sem dúvida, a arte de representar.

Diante de um palco pode-se tomar contacto com as grandes inovações ou mesmo com os mais altos problemas filosóficos ou sociais, quasi sem mais esforço do que o de assistir a um espectáculo agradável. É certo que o teatro filosófico, como o de Raúl Brandão ou de Ibsen, não será o mais próprio para um analfabeto, mas existem outras peças menos transcendentais e todavia educadoras para essa classe de espectadores. Que mesmo as peças onde se debatem princípios altamente filosóficos, quando sejam postas em scena por autênticos mestres dessa especialidade, e não por arrivistas da arte, como, infelizmente, agora tanto sucede, podem ser

agradáveis mesmo para o indivíduo analfabeto. Quando pelo lado puramente das ideias se não pode dar certa peça a um público menos culto, pode dar-se-lha todavia pelo lado mais sentimental.

Qual de nós, ainda o mais inculto, não sentirá a razão do dr. Stockmam da peça «Um Inimigo do Povo», mesmo que nada entenda dos seus conceitos filosóficos? E tanto assim o entendia o próprio Ibsen, que na assembleia que se realiza nessa peça é, precisamente um bêbado — que por estar assim se livrou da influência do interesse próprio, o que não sucede com o resto da assistência, — o único a votar a favor da razão. Bem quere saber o bêbado que o dr. Stockmam afirma que «uma verdade não dura mais de vinte anos» ou que «o homem mais só é o que tem mais razão» ou ainda quando diz em casa à mulher, mostrando o rasgão da calça, que «quem vai dizer verdade não deve levar calças novas». O que elle vê é que está ali um homem sósninho esforçando-se amavelmente por convencer aquela gente do perigo que reside na utilização das tais águas impuras.

Foi, pois, o lado sentimental que conquistou aquele indivíduo. E é também por esse lado que estas peças devem ser representadas para a nossa gente, para que mais breve se chegue o dia que elas o possam ser dos dois modos.

E quando me lembro que aquela peça — «Um Inimigo do Povo» — foi representada no Teatro Apolo e se arrastou apenas até à sexta representação; e que os operários, não os tais analfabetos, mas os que se dizem já conscientes dos seus deveres, a deixaram cair assim tão ingloriamente; e que o «Gebo e a Sombra», de Raúl Brandão, essa tragédia tão humana e esse tão forte labéu contra a má organização da sociedade, levada no Teatro Nacional, não deu mais que duas representações de casa vazia — tenho a dolorosa impressão que desejamos, apenas, na tal Revolução que nos propomos fazer, pegar na rabiça do arado para fazer mais fundo o régo ou mais largo, e não que desejamos conhecer tudo, desde a composição do terreno até à qualidade da semente.

António Vitorino

## NA ARGENTINA

## Um apelo à juventude e algumas mortes

As Federações Universitárias de Buenos Aires e de Córdoba têm dirigido apelos à juventude livre e ao proletariado, para que defendam a liberdade e a justiça, trabalhando por horas mais felizes de paz e progresso.

\* \* \*

Em Rosário três indivíduos que afixavam cartazes incitando à greve geral, foram surpreendidos pela policia, que os entregou às tropas regulares, sendo imediatamente fuzilados.

São as primeiras vítimas da nova tirania.

\* \* \*

Apareceu morto, na praça Ramos Mejia, Feliciano Laperuta, secretário da Associação Antimilitarista Argentina.

Tinha 20 anos e mostrou-se sempre um camarada sério e trabalhador.

A família admite a possibilidade dum suicidio.

## DE BORBA

## A propósito da reabertura dum sindicato

Reorganizou-se, nesta localidade, a Associação dos Trabalhadores Rurais. Causou grande admiração àqueles que julgavam o ideal da emancipação já morto. Estes senhores, não compreendem, que a luta de classes existe. Alguns destes, mesmo, são operários. Chegam a afirmar que a organização operária, é composta de analfabetos. Sim, a organização operária é composta de analfabetos! Mas os camaradas que tal dizem, nunca tiveram cinco minutos para ler. Se lessem, sobretudo as obras revolucionárias, não teriam agora, a má impressão que têm, que os leva a todos medirem pela mesma medida.

Nós, lêmos tudo: jornais burgueses e jornais operários. E, apesar de sermos analfabetos, confrontamos o que elles afirmam e verificamos de que lado está a razão.

Por hoje não falarei mais no assunto. Os cavalheiros que nos chamam «analfabetos» são daqueles que não conhecem a primeira letra do alfabeto.

José António Palma (Rural)

«Se não tivermos defeitos, não experimentaríamos tanto prazer em os ver nos de-mais».

La Rochefoucauld



## PROPAGANDA

## Necessidade de preparar os trabalhadores para atingir a sua emancipação integral

Em face do meu anterior artigo, não faltou quem falasse da falta de recursos, por parte dos sindicatos, para a efectivação da preconizada propaganda. Bem sei, que de facto, existe como que uma espécie de miséria, em redor de quasi todas as comissões administrativas, miséria, que obriga a viver na penúria, as forças, a retardar para amanhã, aquilo que hoje mesmo se deveria executar. Isso, porém não representa, para mim, mais do que uma consequência lógica do abandono a que os sindicatos têm sido votados. E, se representa apenas essa consequência, não é nem pode ser, um mal continuo ou permanente, visto que só durará o tempo que os interessados quizerem que elle dure.

Sei, ainda, que a contagiosa e a grave crise de trabalho que dia a dia, num crescente pavoroso, se desenvolve, vem diffundir um tanto a acção daqueles que mais se têm sacrificado moral e materialmente e de outros que se preparavam para os secundar. Mas sei também, que deveria, em parte, essa referida dificuldade, servir para mais fo temente concentrar em redor dos sindicatos a atenção dos trabalhadores, e para atigidos, mas que amanhã podem vir a sê-lo, sendo, então, forçados a contribuir com a sua quota parte de esforço.

A crise de trabalho, é, de facto, pavorosa. Ainda não tanto, felizmente, que não tenha poupado razoável número de profissões, e que não coloque outras, em situação de poderem contribuir para os cofres associativos, cofres que iriam depois subsidiar a propaganda necessária e indispensável a desenvolver entre todas as classes.

É certo que muitos camaradas, agarrados a um comodismo feroz e inexplicável, se mostram reitantes no pagamento da simples quota associativa, quanto mais no duma nova importância a estabelecer, para esse grande empreendimento. Mas, junto desses, é que a propaganda tem de começar, tanto mais depressa, quando é certo ter de se lutar com uma massa influenciada pela propaganda religiosa. Para a igreja e para a taberna, duas casas tão inúteis como prejudiciais ao futuro da humanidade, até o mais pobre dos pobres arranja dinheiro.

Do exposto resulta a necessidade imperiosa da propaganda. Mas... antes é preciso que à intriga e à calúnia, de que certa imprensa operária tanto usa e abusa—quer nos relatos jocosos das sessões, quer na forma de apreciar os factos—intriga e calúnia que enfraquece e desautoriza, é preciso, dizia, que a class se prefira a união bem compreendida e a inteligência empreendedora. Há que mudar de rumo, seguir novos processos, entrar em realizações imediatas, por intermédio duma propaganda consciente e sábia e orientada. Em face dos assumptos de capital importância que lá fora se debatem e estão na ordem do dia—Crise de Trabalho e outros, podem surgir complicações graves e, com elas, a necessidade imperiosa de nos mostrarmos preparados para receber o património que o capitalismo não soube ou não pôde administrar. Sim! Por que sem querer ser profeta, tenho que fazer reparos... As formidáveis manifestações revolucionárias de milhões de assalariados que por todo o mundo se agitam, o revelam. Ao notarem-se sem meios de vida, e ao verem os armazens repletos de riquezas, viveres, vestuário, objectos de luxo e mais adorno necessários, propriedade duma burguezia satisfeita e protectora, podem os trabalhadores tentar apoderar-se das propriedades retidas nas mãos de milhares de exploradores. E, sendo assim eu creio que devemos preparar-nos e instruir as multidões operárias para na hora precisa, não serem levadas somente, por doentias e perigosas paixões, sem saberem o que querem, marchando em todas as direcções, sem orientação certa e segura. Porque além de correr o grave risco de ser delas vítimas, presenciaremos o fenómeno de ver de novo as feridas multidões, por fracas e inconscientes, dominadas por qualquer verdugo, escravizadas por qualquer pretexto e condenadas a recair na miséria e no doloroso embrutecimento de que saíram.

Para evitar isso, repito, é preciso preparar as multidões, tornando-as conscientes da sua força, da sua posição e do papel que devem desempenhar, quando a sua total emancipação se torne possível. Que os camaradas julgados à lei do salário se capacitem de que não é a miséria que mais contribui para o mal dos povos. É a ignorância, mal maior. Paulo Emilio

## A actual jornada de trabalho deve ser reduzida

## Visão de conjunto sobre o momento social e as relações da crise económica com a organização do trabalho

Uma visão de conjunto conseguida sobre o momento social de hoje, esboçar-nos-ia, apenas, a grandeza da crise que as sociedades humanas atravessam. Essa crise não atinge, somente, determinada manifestação da vida. Estende o seu domínio a todas as manifestações da actividade humana. Em algumas dessas manifestações a crise descortina-se mais facilmente, porque os seus efeitos se tornam mais gerais e porque se prendem, mais intimamente, com a organização social. Essa crise pode basear-se em tantos motivos quantos sejam os sugeridos—e não são poucos—por leituras atentas de obras de reconhecido mérito social. Um há, porém, que pode verificar-se, mesmo, por uma ligeira análise ao actual estado de coisas. E esse motivo é a diferença entre progresso material e progresso mental do individuo. O progresso material, seguindo um método de evolução própria, afasta-se do progresso mental e provoca um desequilíbrio na organização social de efeitos bem nocivos, sobretudo, nos sectores humanos, socialmente mais abandonados aos seus próprios recursos. Nessas condições sociais se filia a existência de sectores com interesses discordantes, embora, no fundo, os uns uma solidariedade bem ampla: a solidariedade natural entre individuos da mesma espécie. Essa solidariedade foi-se escondendo, a pouco e pouco, desde que os homens cimentaram os alicerces das sociedades na autoridade. E, na verdade, um factor real no homem mais desnecessária e, portanto, prejudicial, se adoptada, para movimentar agredos humanos.

A evolução que se lhe seguiu ergueu um enorme edificio de influências, a que deram o nome de civilização. Os sinais de crescimento, nesse edificio milenário, verificam-se nos períodos aureos, naqueles períodos em que a energia acumulada durante certo espaço de tempo, apressava a evolução por meio de movimentos insurreccionais ou por influencia do espirito critico e científico. Apesar disso aumentou o número dos prejuizos sociais, desenvolvendo-se num sentido falso, a energia do individuo e das sociedades. Estas chegaram a ser, como na actualidade, o maior embaraço ao desenvolvimento da livre iniciativa, ao crescimento, mais rápido, do progresso mental.

Ainda no presente momento social cresce—e é o que mais choca—o contraste entre o espantoso desenvolvimento técnico e o pequeno desenvolvimento do sentido da personalidade. O homem não dispõe da precisa dose de compreensão e assimilação, na parte relacionada com a educação do espirito, para atingir a noção de si mesmo. Para ele a personalidade não tem outro sentido que não seja o indicado pela moral comum a toda a gente. Molda nela a sua personalidade, contrariando predisposições innatas, viciando o espirito e predispondo-se para ser um *adaptado*, por força das circunstâncias. Sem personalidade, sem sentido exacto da vida, o homem orienta-se de maneira, que provoca as anomalias do meio social. Engendra dogmas, impõe-os ou aceita-os por força da autoridade organizada. E os *homens*, os que teimam em querer uma vida diferente, uma vida integrada no seu desenvolvimento natural, vêm sendo vítimas dos primeiros, em holocausto ao ideal generoso que os acalenta e estimula.

O contraste que assinalamos tende a acentuar-se, porque os regimes autoritários, vão diminuindo a jaula onde a vida social está encerrada, aumentando o número de domadores. A que condições de vida—preguntam alguns desalentados—nos conduzirá o progresso, a seguir na direcção que leva? Não é difficil prevê-lo. A vida de hoje, mesmo, nos ajuda, fornecendo, até, pontos de apoio para previsões. Voltaremos a este assunto, encarando-o de maneira, que consigamos demonstrar que é possível evitar a confirmação das previsões sugeridas pela vida social de hoje. Em primeiro lugar, analisaremos aspecto de maior importância, para o trabalho em vista.

\*\*\*  
Lêr e propagar "A Batalha" é o dever de todos os trabalhadores.

volvemento do sentido da personalidade. O homem não dispõe da precisa dose de compreensão e assimilação, na parte relacionada com a educação do espirito, para atingir a noção de si mesmo. Para ele a personalidade não tem outro sentido que não seja o indicado pela moral comum a toda a gente. Molda nela a sua personalidade, contrariando predisposições innatas, viciando o espirito e predispondo-se para ser um *adaptado*, por força das circunstâncias. Sem personalidade, sem sentido exacto da vida, o homem orienta-se de maneira, que provoca as anomalias do meio social. Engendra dogmas, impõe-os ou aceita-os por força da autoridade organizada. E os *homens*, os que teimam em querer uma vida diferente, uma vida integrada no seu desenvolvimento natural, vêm sendo vítimas dos primeiros, em holocausto ao ideal generoso que os acalenta e estimula.

O contraste que assinalamos tende a acentuar-se, porque os regimes autoritários, vão diminuindo a jaula onde a vida social está encerrada, aumentando o número de domadores. A que condições de vida—preguntam alguns desalentados—nos conduzirá o progresso, a seguir na direcção que leva? Não é difficil prevê-lo. A vida de hoje, mesmo, nos ajuda, fornecendo, até, pontos de apoio para previsões. Voltaremos a este assunto, encarando-o de maneira, que consigamos demonstrar que é possível evitar a confirmação das previsões sugeridas pela vida social de hoje. Em primeiro lugar, analisaremos aspecto de maior importância, para o trabalho em vista.

\*\*\*  
Lêr e propagar "A Batalha" é o dever de todos os trabalhadores.

A crise económica tem vários reflexos. A nós interessam aqueles que incidem sobre os trabalhadores. A crise aqui é, mais própria mente, crise de trabalho. Ela é de tal maneira inquietante que o próprio capitalismo se vê obrigado a dedicar-lhe a atenção. Por outro lado, a organização operária de todo o mundo ocupa-se dela e procura chegar a conclusões que permitam seguir um método de resistência e de luta, que leve, mesmo, à supressão da própria crise.

Temos de reconhecer que as conclusões a que chegaram, são as mais consentâneas com a natureza da crise, embora nos pareçam demasiado unilaterais. Seria necessário que abarcassem um maior conjunto para, de facto, conduzirem ao desaparecimento da crise.

Esta não é problema isolado, nem problema que desapareça por meio de medidas isoladas. O problema é complexo. Para o verificarmos, analisaremos os vários aspectos que o caracterizam.

A crise de trabalho começou a acentuar-se quando a insufficiente capacidade de compra do trabalhador, não lhe permitiu adquirir o necessário e provocou, portanto, a abundância de produção. O trabalhador não auferindo salários à altura das suas exigências, vê, limitado o seu poder de aquisição e daí a necessidade de uma menor produção, o despedimento de operários e um cada vez menor consumo. É um círculo vicioso do qual o capitalismo não sairá facilmente, por que o amedronta a trans-

formação completa da organização social.

Este fenómeno, aqui ligeiramente posto, deu-se com a guerra. A exigência duma produção mais intensa, obrigou ao estudo de métodos de trabalho, que permitissem uma maior produção. Aproveitaram-se, então, estudos anteriores sobre a máquina e sobre o trabalho humano. Com o grande desenvolvimento do capitalismo financeiro, a indústria pôde produzir mais com mais vantagens para o capitalista. Com a aplicação

dos processos de trabalho, chamados racionalização ou organização científica do trabalho, a crise, após um curto período de calmaria, acentuou-se.

Depreende-se que a organização científica do trabalho, para o ser de facto, devia beneficiar a todos e, principalmente aos que trabalham. Não sucedeu assim. Só os capitalistas lucraram e, apenas, no período de calmaria, porque, depois, a rápida descensão da procura, obrigou-os a diminuir a produção para esgotar a que estava armazenada. O desequilíbrio que se seguiu mais o prejudicou, embora, como sempre, a maior vítima seja o trabalhador.

\*\*\*

Dois problemas importantes na organização do trabalho são o salário e a jornada de trabalho. Ambos relacionados com o aspecto fisiológico da questão, têm a sua maior importância na influencia que exercem na evolução das sociedades. Desses dois factores dependem o bem-estar material, preocupação pelo estudo e descanso mais normal. Compreender-se-á, facilmente, as vantagens que há em os estudar convenientemente.

Nos Estados Unidos são, geralmente, aceites os salários altos. São, de facto, factor importante e devem ser objecto duma atenção especial por parte do operariado. Eles virão minorar a sua miséria e melhorar, se não esquecerem outros factores, a sua resistência e luta.

Muitos pretendem ver neles um indicio de transformação social. Argumentam com o facto do operariado ser, na América do Norte, accionista de companhias e bancos, o que lhe é permitido pelo excedente do salário. Não pensamos assim e a realidade no-lo confirma. A América do Norte alberga uma desenfreada exploração do homem e ali o capitalismo é cada vez mais forte. De resto, pode verificar-se que as afirmações desses pretendidos positivistas, não passam de fantasias.

O trabalhador não é explorado, apenas, pelo industrialismo. E aqui que ele dá o seu esforço e recebe em troca, o seu salário. Mas é no comércio que ele o deixa em troca do indispensável. Se remuneram o seu esforço com um salário mais que necessário para satisfação das suas exigências, vai depositá-lo ou comprar accções. Portanto, vai juntar dinheiro ao capital que o explora, aumentando-lhe, naturalmente, o seu raio de acção. Concorre para o retardamento da sua libertação; é comparsa—e com muitos outros factos, passa-se o mesmo—na consolidação do domínio capitalista.

Não devemos esquecer, quando falamos em jornada de trabalho, que a sua diminuição, e do aumento nos salários—depende o emprego de tantos sem trabalho que escondem a sua miséria por toda a parte do mundo.

Muitos pretendem demonstrar que a diminuição do número de horas, a ornada de trabalho actual, não é possível sem um desequilíbrio fatal na redução com reflexos, afirmam, nos trabalhadores. Tais afirmações revelam desconhecimento do mecanismo da industria.

Está demonstrado que o trabalho mecânico e a racionalização da actividade têm aumentado a produção. Verificado este facto, desaparece por inconsistente, aquela afirmação. Por outro lado, a necessidade dum menor jornada de trabalho manifesta-se, porque, devido a essa mesma racionalização, que invalida a afirmação anterior, o número de trabalhadores em actividade têm diminuído, porque ao aumento de produção não corresponde uma diminuição da jornada de trabalho. Só esta diminuição, o aumento de consumo e o propósito de dar trabalho a todos os desempregados, pode evitar aquela anomalia.

Em Maio do corrente ano os Sindicatos de Lisboa enviaram a v. ex.<sup>a</sup> uma exposição que continha o pensamento desses Sindicatos sobre que princípios se devia atualizar a lei respectiva. Agora, a Câmara Sindical do Trabalho do Porto em nome dos Sindicatos daquela cidade apresentou a v. ex.<sup>a</sup> um importante estudo sobre o mesmo assunto. Contém, ambos, os pontos de vista de todos os trabalhadores portugueses. Tem portanto, v. ex.<sup>a</sup> largo campo onde colher, claramente, o que desejamos sobre uma atualização que justamente nos satisfaria. Por isso a Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa, representando os trabalhadores desta cidade, vem exprimir a v. ex.<sup>a</sup> que, sancionando as reclamações da sua congénere da capital do Norte, deseja ver atualizada a respectiva lei. Saiba v. ex. que é desejo de todos os trabalhadores, de todos os pontos do país, ver salvaguardada a sua vida e a existência dos seus justos recompensa do seu esforço pela colectividade.

Não deixaremos de salientar a v. ex.<sup>a</sup> que, muitos dos desastres se dão pelo péssimo estado de higiene, conforto e segurança que se observa nos locais de trabalho. A fadiga, o depauperamento físico pela miséria sofrida, a pouca idade de alguns aprendizes que são atirados para os trabalhos violentos e para certas máquinas, são as variadas causas de tanta acidentalidade.

Creemos, pois, que não basta melhorar os meios terapêuticos sem atacar as causas geradoras. Eis, ex.<sup>mo</sup> ministro, o que a Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa não esquece, trabalhando por uma justa resolução.

\*\*\*  
João de Oliveira

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

## UMA EXPOSIÇÃO

## A C. S. do T. de Lisboa entregou ao governo um documento sobre acidentes de trabalho

A C. A. da Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa entregou ao governo a seguinte exposição:

Das muitas e justas reivindicações dos trabalhadores, uma se salienta pelo seu aspecto sentimental, físico e económico—os acidentes de Trabalho. Aquele que, dia a dia, ganha o pão para si e para os seus está sempre sobre ameaça de um acidente de trabalho que temporária, ou para sempre, o impossibilitará de manter a sua prole. Sua família, o seu bem estar e as suas mais elementares necessidades, estão sempre dependentes desta circunstância da vida nos locais de trabalho. E' pois um problema sentimental, pelo carinho que a sociedade deve ter pelo que cai na luta do trabalho; é um problema de segurança individual pelo tributo que a sociedade lhe deve, pelo seu esforço anónimo pelo bem colectivo; é ainda um problema económico pelo que influi na economia dum lar.

O trabalhador deve ser encarado como uma entidade de valor, dentro do meio social; corresponder-lhe-há o direito de segurança que uma lei do País lhe confere, mas que o tempo que tudo põe de parte, condenou pelo seu aspecto antiquado, pelos aspectos que surgiram depois e que o legislador não pôde prever.

Sempre a especulação O Seguro ao sinistro que devia ser uma função da sociedade, nobilitante e eficiente para o seu fim elevado, tornou-se um dos ramos de exploração mais rendosos. Não cabe bem nesse campo a ideia do lucro, sem que se sinta a sua baixaria. Isto interessa de sobre-maneira o operariado português já de há bastante tempo, pois que pouco depois da promulgação da lei respectiva se começou sentindo a necessidade duma actualização, principalmente sobre a parte que estabelece tabelas de pensões.

Em Maio do corrente ano os Sindicatos de Lisboa enviaram a v. ex.<sup>a</sup> uma exposição que continha o pensamento desses Sindicatos sobre que princípios se devia atualizar a lei respectiva. Agora, a Câmara Sindical do Trabalho do Porto em nome dos Sindicatos daquela cidade apresentou a v. ex.<sup>a</sup> um importante estudo sobre o mesmo assunto. Contém, ambos, os pontos de vista de todos os trabalhadores portugueses. Tem portanto, v. ex.<sup>a</sup> largo campo onde colher, claramente, o que desejamos sobre uma atualização que justamente nos satisfaria. Por isso a Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa, representando os trabalhadores desta cidade, vem exprimir a v. ex.<sup>a</sup> que, sancionando as reclamações da sua congénere da capital do Norte, deseja ver atualizada a respectiva lei. Saiba v. ex. que é desejo de todos os trabalhadores, de todos os pontos do país, ver salvaguardada a sua vida e a existência dos seus justos recompensa do seu esforço pela colectividade.

Não deixaremos de salientar a v. ex.<sup>a</sup> que, muitos dos desastres se dão pelo péssimo estado de higiene, conforto e segurança que se observa nos locais de trabalho. A fadiga, o depauperamento físico pela miséria sofrida, a pouca idade de alguns aprendizes que são atirados para os trabalhos violentos e para certas máquinas, são as variadas causas de tanta acidentalidade.

Creemos, pois, que não basta melhorar os meios terapêuticos sem atacar as causas geradoras. Eis, ex.<sup>mo</sup> ministro, o que a Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa não esquece, trabalhando por uma justa resolução.

NOS ESTADOS UNIDOS  
Resultados de uma campanha pró-libertação de presos

Recentemente faleceu na Penitenciária um dos presos do caso de Centrália, e agora foi posto um outro em liberdade, Loren Roberts, após onze anos de cativeiro.

Ainda ficam presos seis camaradas por cuja libertação têm trabalhado, e continuam a trabalhar incansavelmente os Trabalhadores Industriais do Mundo (I.W.W.), que não estão dispostos a cessar a luta, que até agora têm sustentado, sem que vejam os seus esforços coroados de êxito.

\*\*\*  
As autoridades norte-americanas pretendem expulsar do país o anarquista Marcus Graham, para cuja defesa se constituiu um Comité com sede em Hartford, Conn.

## «A BATALHA»

é o jornal feito por trabalhadores e para trabalhadores,  
que melhor informa os seus leitores, mais se preocupa com os PROBLEMAS DO TRABALHO e mais atenção dedica à EMANCIPAÇÃO INTEGRAL DOS TRABALHADORES.



# PÁGINAS DE ANTOLOGIA

## A Máquina

### VOADORA

CONTO

As únicas janelas iluminadas, naquela rua, eram as de Francis Perigord, o engenheiro inventor. Achava-se com ele Jeremy Brown, o conhecido mecânico, seu colaborador em mais de um invento, auxiliando o engenheiro criador do engenheiro, com as suas habilidades técnicas.

Despertaram antes de amanhecer o dia, para efectuar uma experiência que decidiria do êxito ou da inutilidade de muitos meses de trabalho e que também, podia definir o futuro de ambos.

Sobre uma comprida mesa, repleta de acessórios de electricidade, via-se uma estranha máquina rumorosa. Compunha-se de uma pequena caixa metálica de forma cúbica, presa por vários fios a uma larga cinta de aço, e provida de duas esferas laterais. A cinta estava fixa, mas as esferas, que terminavam em dois braços, giravam a intervalos regulares de poucos segundos. A força que as movimentava era produzida, evidentemente, pela caixa metálica. O ar estava impregnado de um forte cheiro a ozona.

Perigord apertou o botão da máquina. As esferas diminuíram a velocidade, parando pouco depois. O engenheiro apertou novamente o botão. Os braços giraram pela segunda vez.

—O experimentador, observou, não precisa recorrer à sua força muscular. Utilizará somente, a inteligência.

—Graças ao meu motor, disse Brown.

—Ao nosso motor, corrigiu Perigord, áperamente.

—Oh, naturalmente! replicou o colega com impaciência. O motor que você ideou e eu construí.

—Porisso chamarei, o motor Brown-Perigord! exclamou o engenheiro com um relâmpago de cólera nos olhos. Eu invento, você constrói. É uma divisão lógica do trabalho.

Brown fez um gesto de descontentamento. A conversa pendeu para as vantagens e lucros do invento. O engenheiro entusiasmava-se, sonhando com uma glória semelhante à de Edison. O mecânico esperava poder competir com Rothschild.

Era preciso realizar a prova definitiva. Brown propôs que se dirigissem a uma paragem solitária do campo. Seu irmão tinha casa perto de Eastbourne com um celeiro amplo e alto. A casa estava desabitada, porque o irmão se achava na Escócia, mas Brown tinha as chaves. Na manhã seguinte poderiam transportar a máquina para lá e experimentá-la no celeiro. A proposta foi aceite por Perigord.

\*\*\*

Nessa mesma manhã, Brown entrava na Directoria de Patentes de Invenção levando debaixo do braço um grande rolo de pergaminhos, di-gramas e desenhos, e saía uma hora depois, já de posse da sua certidão.

Dirigiu-se depois à estação onde Perigord o esperava impaciente. O precioso motor foi colocado num vagão.

Em Eastbourne foi transportado numa carroça. A casa do irmão de Brown era um antigo edifício, levantado no alto duma colina calcárea.

Trabalharam até anoitecer montando a máquina. Quando tudo ficou pronto, surgiu uma dificuldade: quem subiria com a máquina para experimentá-la? O engenheiro ofereceu-se entusiasmado, assegurando que o ensaio dessa noite tinha grande importância histórica. O mecânico, mais prudente, objectou que o motor funcionaria do mesmo modo transportando um objecto inanimado, um embrulho de tijolos, por exemplo.

Assim fizeram.

A lua resplandecia clara no silêncio das colinas.

A cinta de aço foi adaptada a um embrulho de tijolos. Na parte inferior do embrulho, Brown aplicou um dispositivo em forma de cauda de peixe, dispondo-o de modo que ao elevar-se, o aparelho descrevesse pequenos círculos no interior do celeiro.

Perigord apertou o botão. Um zumbido; as esferas giraram; os braços movimentaram-se, primeiro, lentos, depois, mais rápidos. E a máquina elevou-se, transportando

o embrulho de tijolos e dando voltas no ar, como um enorme pássaro.

Perigord levantou as mãos para o céu: —Funcional! exclamou. O motor Brown-Perigord funciona!

E pôs-se a dançar como um louco, sem poder conter a alegria.

—Amanhã tiraremos a patente, acrescentou.

O semblante do companheiro anuviou-se: —Já a tirei, respondeu com um sorriso forçado.

—Já patenteou o motor? E em nome de quem?

—Em meu nome, respondeu Brown. Sustento os meus direitos de usufruir o invento.

—Canalha! rugiu Perigord. Canalha! Quer roubar o meu invento!... A patente deve ser tirada em meu nome!

Brown recuou, e sacando um punhal de entre as roupas, gritou:

—Cuidado!

—Hein? Está-me ameaçando? bramiu Perigord, cego de cólera. Recusa-se a entregar-me a patente?

—Recuso-me. Quem construiu a máquina fui eu!

Perigord empunhou uma perna da mesa, que se achava a um canto do celeiro, e avançou furibundo para o seu colaborador. Brown deu um passo atrás, mas, enredando os pés entre as cordas do caixão que transportava a máquina, caiu, derrubando a lâmpada colocada ali perto, que, ao tombar, se apagou.

O amplo celeiro abismou-se nas sombras, apenas atravessadas por um raio de lua.

—Entregue-me a patente, Brown!

Silêncio.

—Entregue-me a patente!

Silêncio atada.

Apenas se ouvia o zumbir do motor, que continuava descrevendo pequenos círculos.

Perigord sentiu-se de súbito gelado de frio e de medo. Tateando, avançou. Um contacto brando e viscoso fê-lo recuar. Acendeu um fósforo. Inclinou-se. Olhou.

Brown jazia no solo. Tomou-o nos braços e tentou levantá-lo. Então explicou-se o mistério daquele silêncio. O mecânico caíra de bruços, enterrando punhal no coração.

Estava morto!

Perigord acendeu a lâmpada e sentou-se numa cadeira, com os olhos fitos no chão, o corpo sacudido por um estremecimento febril.

O motor Brown-Perigord zumbia sobre a sua cabeça.

Permaneceu longo tempo assim, preso de horribes pensamentos. Sabia-se inocente; mas sentia as mãos manchadas de sangue ainda quente... Que fazer?... Porque não se desembaraçar daquele cadáver?... Mas como?...

Uma pancada seca sobresaltou-o. A máquina, elevando-se a pouco e pouco, batera nas vigas do tecto. O choque interrompeu o contacto eléctrico e a máquina caiu pesadamente no solo.

Perigord desprende a cinta. O motor estava intacto. Enquanto o examinava sentiu-se assaltado por uma ideia estranha.

Sim. Era o único modo de desembaraçar-se do cadáver.

Abriu de par em par a porta do celeiro. Arrastou para fora o corpo do mecânico, depositando-o no cimo da colina. Depois transportou para o mesmo lugar o motor e os acessórios.

Prendeu a cinta ao corpo de Brown. Ligou os fios. Apertou o botão. As esferas giraram. A caixa metálica oscilou um momento, elevando-se depois com o cadáver. Perigord puzera a direcção da máquina para o sul. E a máquina com o seu trágico volume subiu, subiu com celeridade crescente; passou a linha das colinas, afastou-se sobre as águas silenciosas.

Perigord, lívido, transfigurado, seguiu-o com o olhar, até que o aparelho com a sua carga macábra, pareceu um pássaro negro, sulcando o infinito.

\*\*\*

No manicómio de Nova York, acha-se internado um homem de olhos selvagens, cujo nome ninguém conhece. Os médicos afir-

## Eh! lá, tio

### NICOLAU

CONTO

Caminhávamos há longas horas nos campos, sob um sol que caía do céu como chuva de fogo. O suor deslizava sobre meu corpo e a sede, uma sede ardente, quasi me fazia delirar. Tinha procurado, mas em vão, algum desses regatos cujas águas cantam sob as ramarias ou, mesmo, uma nascente, como há tantas no país, uma pequena nascente que dormisse num nicho de terra musgosa, semelhante áqueles onde colocam os santos camponeses.

Já desesperava. Tinha a língua seca e na garganta parecia ter uma chama.

—Vamos até Heurtaurdière, aquela granja que se avista daqui—disse o meu companheiro. O tio Nicolau nos dará bom leite.

Atravessamos um largo carreiro, rodeamos um campo de aveia, no qual a brisa suave formava uma nuvenzinha de reflexos azulados, chegamos a um vergel onde algumas vacas dormiam, encostadas à sombra das árvores.

Na granja, continuando o vergel, apenas encontramos, no curral, as galinhas esgaratando no estrume. Tentamos abrir as portas. Não o conseguimos.

—Todos estão no campo—disse o meu companheiro.

Contudo, chamou:

—Tio Nicolau! Eh! lá, tio Nicolau!

Ninguém respondeu.

—Eh! lá, tio Nicolau!

E, apenas as galinhas se espantaram, dispersando-se, cacarejando e revoloteando o corpo emplumado.

—Tio Nicolau!

Muito contrariado, pensava já, seriamente, em ir, eu mesmo, ordenhar as vacas, quando uma cabeça de velha, áspera, enrugada e toda arroxeada, apareceu na porta entre-aberta do celeiro.

—Que ha?—exclamou a camponesa.—Ah! E' o sr. José? Desculpe-me. Não o tinha conhecido.

Fez-se ver toda. Uma boina de algodão, cuja borla caía sobre a fronte, tapava-lhe a cabeça. Uma parte dos ombros e o colo, que pareciam de ladrilho, tanto tinham sido cosidos e recosidos pelo sol, saíam, descarnados, das pregas da blusa. Dois socos, mal trabalhados, serviam de calçado aos seus pés nus, violáceos e gretados como um pedaço de couro velho.

A camponesa cerrou a porta do celeiro e começou descendo a escada.

—Foi o senhor quem chamou o tio Nicolau, o meu homem?

—Sim, mulher; fui eu.

—Que lhe queria!

—Faz calor, temos sede e queríamos pedir-lhe uma caneca de leite.

—Espere-me, sr. José; vou em seguida buscar-lhe o leite.

Acabou de descer a escada.

—Não está em casa, o tio Nicolau?—perguntou o meu companheiro.

—Desculpe—disse a velha—está aí: Sim, ele está, porém, seguramente, não disposto a mover-se. Está no caixão, desde esta manhã.

Tinha-se aproximado de nós, enxugando o suor.

—Sim, sr. José, o tio Nicolau morreu ontem ao anoitecer.

Os nossos semblantes tinham-se contristado. E ela, reparando:

—Não importa, não importa—disse—entrem para refrescar um pouco e descansar. Vou buscar o que vos faz falta.

Abriu a porta da casa fachada com um cadeado.

—Entrem, senhores. Não se incomodem. E' como se estivessem em vossa casa. Olhai. Aí está o tio Nicolau.

No fundo do compartimento escuro, entre duas camas com colcha de percal, estava um feretro branco de pinho, colocado sobre duas cadeiras, meio cobertas por uma manta de linho cru. Ao cimo um crucifixo de cobre e ao fundo uma pequena mesa onde uma

mam que ele perdeu a razão em consequência duma forte comoção nervosa. Nos seus momentos de lucidez o louco desenhava esquisitas e complicadas máquinas de voar...

A. Conan Doyle

vela derretida, como se fosse um cirio, acabava de se consumir tristemente. Muito próximo estava uma pequena caldeira com água benta. Persignámo-nos, lançamos um pouco de água sobre o caixão e, sem dizer nada, sentamo-nos à mesa grande, olhando-nos assombrados.

A mulher do tio Nicolau não se demorou. Trazia com precaução um grande jarro de leite que pôz sobre a mesa, dizendo:

Podem beber à vontade! Não há leite melhor nem mais fresco.

Enquanto nos arranjava as canecas e tirava dum armário um bom pedaço de pão duro, o meu companheiro perguntou-lhe:

—Há muito tempo que o tio Nicolau estava doente?

—Não, sr. José—contestou a velha. Para dizer a verdade, não estava lá muito bom, já há dias. Incomodavam-no os pulmões; eu acreditei que era o sauge. De repente tornou-se pálido, depois róxo, depois negro e caiu, quasi como um morto.

—Não foi, então, chamar o médico?

—Não, sr. José, não fomos chamar o médico. Na verdade, não estava muito doente. Isso não lhe impedia de ir para aqui e para ali, de girar por todos os lados. Ontem fui à feira. Quando regressei, encontrei-me com o tio Nicolau sentado, a cabeça contra a mesa, os braços pendidos. Não se movia; parecia uma pedra. «Meu homem!»—disse-lhe. Nada.

«Tio Nicolau, meu homem!»—disse-lhe ao ouvido. Nada, nada; absolutamente nada. Sacudi-o, então. Porém, só o vi balancear e, depois, cair, pesadamente, no chão, ficando imóvel, negro, como o carvão. «Dianho!»—disse—o tio Nicolau morreu». E tinha na verdade, morrido, sr. José... Então, não bebem... Não se incomodem... Tenho mais leite... E além disso não faço nesta época, manteiga...

—E' uma desgraça—disse eu.

—Que fazer!—respondeu a camponesa. Deus, seguramente, assim o quer.

—Mas não tem ninguém para o vigiar? interrogou o meu companheiro. Os seus filhos?

—Oh! não há a recar que ele fuja, coitado. Os filhos estão no campo recolhendo o feno. Não é próprio que o trabalho se deixe de fazer... Não o fariam ressuscitar por isso. Não é verdade? Está morto e bem morto!

Tinhamos bebido o leite. Depois de agradecer, abandonamos a mulher do tio Nicolau.

—Vou incomodado—disse o meu companheiro. Não sei se admirar ou maldizer esta insensibilidade do camponês perante a morte, a morte que faz uivar os cães e que torna num soluço, numa queixa, o canto dos pássaros, quando vêem os seusinhos devastados!

Otávio Mirbeau

## Aos assinantes de "A Batalha"

Esperamos que os nossos assinantes cumpram com o seu dever liquidando com prontidão, quando lhe forem apresentados os recibos dos 10 primeiros números, que mandámo-lhe a cobrança, para não haver devoluções que sempre causam transtornos e prejuízos.

Na revista mensal de ciência, sociologia e arte —

## «AURORA»

encontra-se, em todos os números, leitura útil ao estudioso



DE LOURENÇO MARQUES

## Os trabalhadores não devem partir para as colónias sem lá terem colocação

Da Associação do Pessoal do Porto e dos Caminhos de Ferro de Lourenço Marques recebemos informações sobre a situação dos trabalhadores ali. Respingamos as seguintes passagens:

«Tendo sido presente à reunião da Comissão Administrativa desta Associação, a vossa circular datada de Abril do corrente ano, temos a informar que presentemente o horário das 8 horas de trabalho em Lourenço Marques, muito embora a lei não esteja aqui em vigor, é respeitado, excepto no que diz respeito aos Empregados do Comércio e Indústria, onde, por vezes, se nota o não cumprimento embora voluntário desta regalia.

No que diz respeito aos restantes assuntos na mesma circular visados espera esta Comissão informes que a habilitem à propaganda, para assim condizer com os desejos e princípios aí estabelecidos afim dos pontos de vista se harmonizarem.

Nota-se contudo uma grande falta de trabalho, falta de trabalho que ultimamente se vêm acentuando, sem dúvida devido à emigração, que a grande propaganda de colonizar estas possessões, têm feito canalizar para aqui.

Em tempos o Sindicato Geral das Classes Trabalhadoras, — que hoje já não existe — informou a C. G. T. para activar a sua propaganda contra o facto apontado dando resultados satisfatórios, e presentemente precisa-se, mais do que nunca, dessa propaganda que evite a vinda para Lourenço Marques das pessoas que não venham daí com colocação certa.

Sobre o que apontamos, referente ao horário das 8 horas de trabalho, recebemos uma comunicação dos trabalhadores da Beira reclamando contra o facto de ainda ali não estar em vigor o horário de trabalho das 8 horas normais.

DE UNHAIS DA SERRA

## COMO AQUI SE TRABALHA

UNHAIS DA SERRA, 19. — A exploração dos trabalhadores é aqui insuportável, chegando os industriais a obrigar os operários a render-se pela fome. Nas fábricas de tecidos a exploração atinge os limites do inverosímil, salientando-se nela um padre, que é industrial.

Na Construção Civil não há horário. Trabalha-se desde que amanhece até que a noite chega. Ainda não há muito 12 serradores abandonaram o trabalho por não poderem suportar, por mais tempo, o barba-rismo destes «sobas».

O operariado desta localidade não compreende bem — infelizmente para todos nós — a sua missão, entregando-se sem luta, aos manejos dos que os exploram. Os técnicos é que já vão compreendendo que precisam unir-se para resistir a essa exploração e, assim, estão dando mais vida à sua Associação, o que se tornava, de resto, de absoluta necessidade. — (E.).

## Auxílio à «A Batalha»

|                                                                                                                                    |           |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| Transporte....                                                                                                                     | 2.177\$80 |
| Ass. Classe Soldadores Setúbal..                                                                                                   | 50\$00    |
| Grupo Educação Social dos Manipuladores de Pão do Porto..                                                                          | 50\$00    |
| Rafael Osório.....                                                                                                                 | 5\$00     |
| Manuel Rocha.....                                                                                                                  | 5\$00     |
| Quete aberta pela Assoc. de Classe dos Operários da Indústria da Construção Civil e Artes Correlativas do Concelho de Setúbal..... | 100\$00   |
| Quete aberta em Tortozendo:                                                                                                        |           |
| Leopoldo de Matos Canhoto....                                                                                                      | 5\$00     |
| António Gervásio.....                                                                                                              | 2\$50     |
| José Fernandes Calado.....                                                                                                         | 1\$50     |
| António Mendes Ferreira.....                                                                                                       | 1\$50     |
| Ernesto Craveiro Ramos.....                                                                                                        | 2\$50     |
| Francisco Dias Duarte.....                                                                                                         | 2\$50     |
| António Fernandes Matias.....                                                                                                      | 1\$50     |
| José Gomes Mineiro.....                                                                                                            | 2\$50     |
| Artur Ferevereiro.....                                                                                                             | 2\$50     |
| Carlos Barata.....                                                                                                                 | 2\$50     |
| José Lopes.....                                                                                                                    | 1\$50     |
| José de Oliveira.....                                                                                                              | 2\$50     |
| José Lago Tinto.....                                                                                                               | 5\$00     |
| Joaquim Dias Simões.....                                                                                                           | 1\$50     |

A transportar... 2.422\$80

## SOLIDARIEDADE O CASAMENTO

Pró-Mineiros

Como vinha sendo anunciado realizou-se no dia 18 p. p. o 1.º espectáculo da série que o Grupo Dramático Solidariedade Operário, coadjuvado pelos organismos operários de Lisboa, vem organizando em benefício dos mineiros de Aljustrel e S. Domingos.

Em abertura o nosso camarada, dr. Campos Lima fez uma palestra sobre «Solidariedade» explicando como é, principalmente, a solidariedade, e não a luta pela vida, que se deve o aperfeiçoamento das espécies humanas. Dissertou largo tempo sobre a acção industrial e comercial, racionalização e luta pela vida das classes produtoras que, tudo produzindo, nada têm. No final da palestra foi coroado por uma grande salva de palmas sendo o orador muito cumprimentado.

Em 2.ª parte subiu à scena o drama social em 3 actos «Gatunos de Luva Branca» da autoria do nosso camarada ferroviário Jorge Teixeira em substituição do drama em 4 actos «Ladrões da Honra» que estava anunciado, por motivo de um dos intérpretes ser obrigado a retirar-se de Lisboa. A 3.ª parte foi composta de canções, monólogos e poesias. Agradou em absoluto a toda a assistência que era numerosa. Foi abrilhantado este espectáculo pela excelente Troupe Jazz «Os Bons Amigos» que, gentilmente, colaborou nesta festa, tocando vários números do seu vasto repertório que agradaram.

A Comissão Organizadora fica muito grata a todos que se prestaram a colaborar neste espectáculo e bem assim ao operariado de Lisboa pela forma brilhante como corresponderam a esta iniciativa.

Temos a salientar o gesto espontâneo dos camaradas da Fábrica de Calçado «Elite» que abriram entre si uma quete cujo produto foi entregue pelo camarada sr. José Nunes de Melo na importância de 40\$00 escudos.

Está-se já tratando da organização do 2.º espectáculo que promete ser brilhante, dado o valor dos elementos com que já conta a comissão. O programa será oportunamente anunciado.

A comissão pede a todos os organismos a quem enviou bilhetes e circulares uma resposta breve para liquidação de contas deste espectáculo.

## MARCO POSTAL

Vila Real de Santo António. — Augusto Fernandes Branco. — A sua assinatura fica paga até ao n.º 10.

Manuel Teixeira. — Os 3\$00 escudos recebidos pagam a sua assinatura até ao n.º 10.

Benavilla. — José da Silva Dorteia. — A sua assinatura ficou paga até ao n.º 16. Agradecidos.

Alhandra. — Manuel Pereira. — Recebemos lista de assinantes. Agradecemos. Por enquanto não passamos cartões de correspondentes.

Covilã. — Assoc. dos Textéis. — Aguardamos resposta urgente sobre assunto-agente.

Porto. — F. Ferrão. — Recebemos e agradecemos nova lista de assinantes. Atendemos as reclamações. Indica sempre se os novos assinantes querem receber desde o n.º 1.

Serro do Botelho. — João Madeira. — Recebemos cinco escudos. A sua assinatura fica paga até ao n.º 16.

Porto. — Mário Lemos. — Recebemos dinheiro e a sua assinatura fica paga até ao n.º 10. Para evitar perda de tempo é conveniente, de futuro, mencionar a localidade.

Lisboa. — M. Ferreira. — Encontrou, certamente, no número passado um artigo que veio de encontro do seu alvitre. Por isso julgamos desnecessário publicar o seu.

Porto. — Fernando Rodrigues. — Recebemos o vosso 3.º postal. Agradecemos os novos assinantes.

Giesteira-Escoural. — José Dias Catxairo. — A sua assinatura ficou paga até ao n.º 16.

Borba. — J. A. Patva. — Seguem já os jornais para o agente. Entendido.

## A ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA

### PORTUGUESA

recomenda a leitura de «A Batalha» e «Vanguarda Operária»

A união livre

Os papeis são diversos que tem o homem e a mulher na função de reprodução da espécie, tendo a natureza absurdamente feito recair sobre a última todas as dores e sofrimentos inerentes a tal função, — e além disso a escravidão que sobre esta pesa dentro do regime capitalista, — deram, e dão, origem a que o homem e a mulher constituem, e se olhem quasi como duas espécies inimigas, de tal modo que, quando se chegam a unir, livremente, sem o casamento legal, esse acto é vulgarmente considerado como uma «vitória gloriosa» por parte do homem e uma «derrota vergonhosa» por parte da mulher.

E é este conceito absurdo da vitória e da derrota na união sexual que dá origem ao «donjuanismo» e ao culto da virgindade, talvez os dois envenenadores dos prazeres do amor, e que só desaparece, quanto a nós, quando as sociedades humanas sejam baseadas na solidariedade e na harmonia dos interesses.

Dentro da sociedade capitalista, em que as necessidades económicas levam fatalmente a mulher a fugir, e a prevenir-se contra a sedução por causa da maternidade, o «donjuanismo» surge espontaneamente e adulterando a natural atracção sexual, transforma o macho num «conquistador» que procura a todo o transe seduzir a mulher não tanto por necessidade sexual, mas simplesmente para satisfação da sua tóla vaidade.

Esta preocupação absurda de certos homens a perseguir mulheres, pelas quais, muitas vezes, não chegam a sentir a mínima atracção, unicamente para terem façanhas a contar, e as mentiras e artimanhas que usam para conseguir os seus objectivos, tomados, tantas vezes, a sério pelas inexperientes, têm já dado lugar a pungentes tragédias e a sofrimentos inarráveis.

\* \* \*

Por outro lado, o receio da sedução e do abandono, inoculou também, no espírito da mulher, o melhor das famílias, certo número de preconceitos que levados ao extremo acabaram por considerar como modelo exemplar de virtude a mulher que não sente apetites sexuais, que quer dizer aquela que por qualquer fenómeno patológico não sente a necessidade de desempenhar o nobre papel de reprodutora da espécie.

Tais preconceitos existem em todas as categorias sociais, congratulando-se os pais tanto com as manifestações de sexualidade forte dos filhos como de assexualidade das filhas.

Quere dizer, dois fenómenos perfeitamente antagónicos provocam os mesmos sentimentos de alegria, o que demonstra o seu absurdo.

O instinto de reprodução é uma necessidade natural, e como não está na nossa mão aumentá-lo ou diminuí-lo à nossa vontade, não há por conseguinte motivos para vaidades ou para vergonhas pelo facto de não senti-lo, ou senti-lo exageradamente.

Assim como o ter sempre fastio,

DA REPÚBLICA SOCIALISTA

## Carta dum exilado político que nos fala da sua situação material e moral

A A. L. T. mantém correspondência com camaradas que na U. R. S. S. se encontram desterrados pela sua actividade revolucionária, tendente a conseguir autonomia, emancipação enfim, na sua condição de trabalhadores. Eis uma dessas cartas:

«Estou admirado que não tenhais recebido várias cartas que vos enviei em Agosto. Recebi a vossa carta mas o pacote de literatura que me enviastes nunca chegou ao meu poder. Certamente, compreender-se há, que os pensamentos que de nós se apoderam são suficientes para entristecer o mais alegre... Ultimamente os censores tornaram-se mais activos, e a «perda» de cartas é um factor de isolamento dos presos políticos ainda mais do que dantes. O nosso tempo é rico em acontecimentos — diversos problemas importantes-se apresentam perante nós.

Nós, exilados num lugar longínquo, desajustados a lutar, mas em vez disso estamos condenados a ser observadores passivos. Não é para nós a alegria da participação activa no trabalho criador... Chegamos só até nós os ecos — muitos não nos alcançam —, e o pouco que sabemos é mascarado e desfigurado através do prisma da imprensa... O velho ditado «A luz do Oriente» parece ter falido. As nossas esperanças residem nos trabalhadores do Ocidente.

\* \* \*

«...A nossa situação material é muito má. Estamos sem trabalho e ha poucas esperanças de conseguir algum. Durante as recentes eleições para o Soviete local as autoridades publicaram uma lista dos privados de privilégios, isto é, dos que estão despojados do direito do voto. Está claro, que os exilados políticos estão na cabeça da lista. Isto não é nada novo, e dantes não prestávamos atenção a isso, porque sabíamos como devíamos proceder para fazer ouvir a nossa voz sem qualquer sanção especial. Mas agora as coisas são diferentes, porque estar «privado de privilégios» também significa ser expulso da associação de classe, o que representa não poder conseguir trabalho. Primeiramente, a G. P. U. dizia-nos «Arranja trabalho, se pudesdes; não nos opões». Era, evidentemente, muito difícil conseguir alguma coisa para fazer, particularmente, nas longínquas e desertas aldeias, para onde habitualmente somos exilados. Não havia pois, com poucas excepções, proibições terminantes contra o trabalho. Mas agora estar na referida lista significa privação do direito ao trabalho. É uma questão muito séria para nós; representa praticamente estar condenado à penúria. Aqueles que entre nós tinham tido a sorte de conseguir qualquer emprego, foram demitidos, perdendo assim o seu último recurso...

ou possuir um apetite devorador não enaltece nem deprime o valor moral e intelectual de ninguém, o mesmo devia suceder com a satisfação das necessidades sexuais.

Tal não sucede, porque dentro das nossas sociedades individualistas homens e mulheres se consideram como pertencendo a duas espécies inimigas, tomando por isso as relações entre os dois sexos o carácter duma verdadeira guerra, sendo naturalmente glorificados os vencedores e desprezados os vencidos.

E enquanto existir este mal a mulher procurará sempre escudar-se contra ele por detrás das regalias conferidas pela lei, e por isso achamos que é remar contra a maré pretender abolir completamente, o casamento legal, sem primeiro destruir capitalista-estatal.

X. X.

«A especialização científica e profissional tem o seu antidoto na generalização igualmente científica, que permite a cada consciência individual ligar a existência de toda a profissão particular ao conjunto da organização colectiva e, por isso, reconhecer e proclamar a dignidade e a equivalência de todos os officios, liberais ou manuais, no tecido indivisível da vida das sociedades.»

Guillaume de Gre



# A BATALHA



## O ESPERANTO

### Porque se deve aprender o esperanto

Todos nós devemos aprender o Esperanto porque, lutando não apenas contra o capitalismo, mas também contra a divisão do mundo em estados e nacionalidades, devemos, logicamente, compreender que é necessária uma língua sem qualidades nacionalistas (o que em Esperanto se chama: *sennacieca lingvo*), para que os habitantes de toda a terra possam, inofensivamente, e em todos os sentidos, considerar-se cidadãos do Mundo.

O Esperanto é, por enquanto, e para alguns, a língua internacional (em Esperanto diz-se *internacia lingvo*), mas, para outros é não já *internacia*, mas sim *sennacieca*, porque estes últimos usam-na não para como portugueses, falarem aos seus camaradas alemães; mas sim para, como cidadãos do Mundo, falarem aos seus concidadãos de qualquer região do Globo. Quem, melhor que os revolucionários, poderá sentir o desejo de ver em cada homem um concidadão, quer ele tenha nascido no Japão quer na Austrália?

O Esperanto, que hoje é propagado pelas mais diversas tendências e seitas (—os protestantes espalham por toda a parte evangelhos e outros folhetos em Esperanto; os católicos têm diversas gazetas escritas na mesma língua, e têm feito diversas edições de livros em que narram a vida de santos célebres; os comunistas e os socialistas têm além de jornais e revistas esperantistas, muitas traduções em Esperanto das obras mais famosas dos seus adorados Lenine e Carlos Marks. Seria um nunca acabar, se pretendessemos citar todas as seitas que propagam o Esperanto e, por meio dele, as suas doutrinas) o Esperanto—repito—devia ser, por excelência, a língua dos revolucionários.

Eie devem compreender melhor que quaisquer outros o alto significado do Esperanto quer na sua fase actual de língua auxiliar quer no seu papel futuro de língua única.

E não haverá já hoje alguns deles que assim o compreendem?

Há, de certo; mas é preciso mais, é preciso que assim o compreendam todos. Senão, poderá ser que tenham de reconhecer, um dia próximo, que já é tarde, demasiado tarde.

Porque é preciso que se compreenda: — Hoje, já não se trata de saber se o Esperanto é ou não uma língua adaptável às diversas necessidades da cultura e da vida, em todas as modalidades.

Isso está mais que provado: O Esperanto já ultrapassou o seu período experimental. Hoje, o Esperanto deixou de ser como que um Ideal que importa propagar. Hoje, ele é um instrumento que importa possuir.

E a seita ou tendência social que o despreze, cedo conhecerá que não ocupa no Mundo o lugar que poderia ocupar se soubesse apropriar-se, a tempo, desse maravilhoso instrumento propagador de ideias.

Hoje, já se encontram à venda muitas obras anarquistas: traduções das obras de Kropotkin, de Leon Tolstói, de Sebastião Faure e doutros grandes literatos e sociólogos; e, além disso, alguns originais em esperanto.

Mas não basta; é preciso mais: é preciso preciso que haja esperantistas que esgotem essas edições e é preciso que se façam outras, para que a literatura anarquista tome o primeiro lugar nas fileiras esperantistas, e as ideias libertárias se propaguem amplamente, para bem da Humanidade!

E quem se importará de o fazer, se os anarquistas não fôrem ao mesmo tempo esperantistas?... Mãos à obra, camaradas, que já rompe o Dia!

I. A. Barros

Na revista mensal de ciência, sociologia e arte —

«AURORA»

encontra-se, em todos os números, leitura útil ao estudioso

## VIDA SINDICAL

### Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa

Uma comissão delegada desta Câmara, foi recebida no passado dia 22 pelo sr. subsecretário do Estado de finanças, a quem expoz a necessidade do governo promover o mais breve possível a actualização da lei de acidentes do trabalho, em harmonia com as representações enviadas pelas associações operárias de Lisboa e Câmara Sindical do Trabalho do Porto.

S. ex.<sup>a</sup>, disse que o governo iria ocupar-se do assunto e ainda naquele mesmo dia chamou o sr. inspector geral do Instituto de Seguros Sociais e Previdência Geral, e comunicaria a resolução tomada a nesta Câmara.

A Comissão, ocupou-se também junto do sr. subsecretário, do importante assunto do horário e crise de trabalho, prometendo S. ex.<sup>a</sup> ocupar-se deste assunto junto do sr. Ministro, ficando apazada para breve nova entrevista.

**Comissão de Relações, Estudo e Defesa Rural-Evora.** — Reuniu a Comissão de Relações Nacional e Estudo e Defesa Rural, que, entre outros assuntos, apreciou um officio da Comissão Inter-Federal. Resolveu responder. Também foi lida uma carta do dr. Francisco Dias Bernardo sobre o sinistrado José Marques de Vendas Novas. Foi resolvido responder e escrever ao sinistrado.

Em seguida foi lida uma carta dos rurais do Cano que foi tomada em consideração e resolvido responder.

Foi apreciada, também, a vida rural, em todos os seus aspectos, sendo resolvido realizar em Evora no dia 23 de Novembro do corrente ano, uma conferência para estudar a defesa rural. Serão convidados a assistir à mesma, a Comissão Inter-Federal e todos os organismos rurais ou grupos da mesma classe que estejam de acordo com a orientação da velha Federação.

**Sindicato Único de Mobiliário de Lisboa.** — Reuniu a Comissão Administrativa, que apreciou vários assuntos e aprovou vários sócios. Esta comissão lembra mais uma vez a todos os mobiliários o dever de encarar com todo o carinho o seu organismo de classe, posto que mais do que nunca se torna necessário a união de todos os mobiliários para resistir às investidas dos industriais, que, aproveitando-se do alheamento dos operários pelas suas associações de classe, vão roubando todas as regalias, que muito têm custado a alcançar.

Lembramos ainda, que devem contribuir para o cofre sindical.

## A BATALHA

### CONDIÇÕES DE ASSINATURA:

#### CONTINENTE e ILHAS:

Série de 10 números..... 3\$00

#### ÁFRICA:

Série de 20 números..... 8\$00

#### ESTRANGEIRO:

Série de 20 números..... 11\$00

#### Pagamento adiantado

Toda a correspondência deve ser enviada para o APARTADO n.º 329.

LISBOA

## DE LEIRIA

### A situação económica do operariado é má

Como não podia deixar de ser, foi com grande jubilo que as classes trabalhadoras receberam o seu porta-voz *A Batalha* que, confiantes na intransigência dos princípios que a têm norteado, vêm nele o seu sincero defensor.

\*\*\*

Leiria tem uma população operária bastante grande, pois é elevado o número das fábricas que possui. Por isso é para lamentar que os explorados por estas indústrias não tenham procurado defender-se, organizando os seus sindicatos profissionais.

Quem aprecia o silêncio em que se mantêm todos os trabalhadores desta cidade e das localidades circunvisinhas, como Macieira, onde está instalada a grande Empresa de Cimentos «Liz», estação do caminho de ferro—onde há umas cinco fábricas de seriação—suporá que os seus salários são razoáveis e que gozam de regalias superiores às daqueles que todos os dias veem lutando pelas suas reivindicações. Mas assim não sucede. Pagam-lhe os industriais uns miseráveis escudos, obrigando-os a trabalhar de baixo da disciplina mais odiosa e opressora. E' esta a situação moral e material destes nossos irmãos de trabalho. E manter-se há até que eles reconheçam os seus direitos e, organizando os seus sindicatos e unidos, os saibam defender.

Esperamos que o nosso brado seja ouvido pelos interessados, devendo começar, os mais activos, por fazer a máxima propaganda associativa, para o que podem contar connosco e com as colunas do seu porta-voz *A Batalha*. —(C.)

## DE ALHANDRA

### A indiferença do operariado e um alvitre

ALHANDRA, 18. — Como militante da causa operária, mais uma vez venho junto dos meus camaradas da Construção Civil para que olhem com atenção para o que se está passando na Fábrica de Cimento «Tejo» onde alguns camaradas para auferirem um salário que varia de 20\$00 a 21\$00, se sujeitam a trabalhar 15 e 16 horas por dia, quando nesta localidade se atravessa uma das maiores crises de trabalho. Não faz sentido que alguns camaradas trabalhem 15 e 16 horas, enquanto outros vivem na miséria.

Portanto, camaradas, levemos por diante o fortalecimento do nosso sindicato, para dele, unidos, fazermos um baluarte de defesa bem forte. Só quando nos organizarmos todos, respiraremos mais fundo, podendo, então, fazer frente aos nossos algozes.

\*\*\*

Para atenuar a crise de trabalho que a Construção Civil, nesta localidade, atravessa o camarada Francisco Vidinha convocou para uma reunião vários camaradas que se realizou no quartel dos Bombeiros Voluntários daqui, gentilmente cedido pela sua direcção. Compareceram alguns camaradas, devendo confessar que era de esperar eles fossem em maior número, visto tratar-se de apreciar o alvitre dum camarada. Esse alvitre foi muito bem recebido por todos os camaradas presentes. Trata-se da construção dum bairro nesta localidade para, como acima afirmo, atenuar, um pouco que seja, a crise que atravessamos.

Organizou-se uma comissão composta pelos camaradas Joaquim Morais, José António Borges, e Francisco Vidinha para se avistar com a Câmara Municipal deste concelho. A iniciativa é louvável e virá minorar a miséria que reina, já, nalguns lares. —(C.)

Ler e propagar «A Batalha» é o dever de todos os trabalhadores.

## A Crise Económica e o Capitalismo

O operariado atravessa, actualmente, uma crise aterradora!

O burguês, que em ocasião alguma soube respeitar os direitos dos trabalhadores, agora muito menos os respeitará. Ele sabe, que o trabalho é pouco, e os braços para o executar aparecem em demasia; por isso, se vale deste contraste, para pôr em prática os seus maliciosos desígnios.

O horário do trabalho para ele não existe. Não respeita a lei, e obriga o operário a trabalhar mais horas, do que ela manda.

Quando alguns mais conscientes, a quem respeitar, isto é, trabalhar somente oito horas, ele não consente e despede-os! E podemos nós suportar tal estado de coisas?

Não, não podemos. Mas temos que sofrer resignadamente (até que chegue a hora da nossa libertação) para angariarmos uns míseros escudos que não nos deixem morrer de fome. E para que este flagelo seja mais curto, e a hora da nossa emancipação chegue mais depressa, é necessário irmos para os nossos sindicatos, para aí, unidos como um só, nos defendermos corajosamente, contra todas as arremetidas dos capitalistas.

E se assim fizermos, estou certo, que havemos de chegar a uma sociedade melhor, a uma sociedade, em que vibre como símbolo geral a tão ambicionada «Igualdade». Trabalhem, pois, sem desfalecimentos, nem tibiezas, para exterminar a nefanda classe burguesa, porque só assim conseguiremos ver os nossos esforços coroados de êxito.

A. M. Farla

## EM CARNAXIDE

### Uma comemoração

No passado domingo comemorou a Sociedade Filarmónica Fraternidade de Carnaxide o seu 64.º aniversário, com certo brilhantismo.

A banda da Sociedade percorreu a vila realizando-se em seguida uma sessão solene. Presidiu a esta o professor e nosso amigo, Manuel da Silva, antigo professor desta localidade, secretariado pelos delegados da Sociedade Humanitária Cruz Azul de Algés e da Comissão Inter-Federal de Defesa dos Trabalhadores.

Falaram os srs. João dos Santos Oliveira, Alexandre dos Santos Silva pela Cruz Azul, Francisco dos Santos, Mário dos Reis Melo da Direcção e Emílio Santana pela Comissão Inter-Federal que defendeu o princípio da organização dos trabalhadores.

A sua banda, e as bandas do Campo Grande e Bemfica abrilhantaram a sessão.

### Recomendamos a todos os camaradas que tenham de tratar qualquer assunto com a administração e redacção de «A Batalha», que se dirijam em correspondência —

quando doutro modo seja impossível—para o APARTADO N.º 329 — Lisboa. Também recomendamos que toda a correspondência, pedindo modificação nas remessas de jornais, deve estar aqui na antevéspera do dia da saída do jornal.